A loucura de amar | Alan Oliveira Souza

Barbacena, 1977.

Nasci em 12 de dezembro de 1958. Minha força não era bruta, meu andar era desengonçado. Meus pais não entendiam isso, nem sequer tentaram. O dia mal amanhecia, e eu estava lá, segurando a enxada todo desajeitado, eles diziam. Não lembro uma única vez que eu não tenha sido corrigido. Minha avó Eponina era a primeira a se zangar, aos berros se queixava com meus pais: “Tudo está errado”. Enquanto ouvia, eu me acuava. Ouvia mamãe me proteger, e olhava para a terra, sem entender o que estava errado. Eu continuava, todos os dias, até o sol raiar. Não demorou muito para meu pai, José, também ficar zangado. Quando completei doze anos, mamãe passou a me olhar com certo desdém. Enquanto eu fingia dormir, ouvia ela falar com as paredes: “Ele continua estranho, não parece meu filho”. Ela mal sabe que ouvi. Sempre a admirei, mesmo assim. Papai virou um homem de poucas palavras, mal olhava nos meus olhos. Até que certo dia, desmaiei de cansaço. Ele pegou meu braço e me arrastou pela terra, e não parou. Até me ver sangrar. Engoli a seco, mas não consegui segurar as lágrimas. Olhei para todos os lados e mamãe não estava lá. Minha avó estava e me repreendeu: “Aqui home não vai chorar”. A partir disso, passei a me esconder. Eu estava tão fechado que mal conseguia me expressar.

Quando completei quatorze, minha avó, religiosa árdua, passou a frequentar aos domingos uma igrejinha perto da fazenda em Ponte do

Cosme (MG). Ela dizia que ouvia muitas coisas sobre mim. “Não é de Deus”, repetia ela. Logo, ela passou a insistir que meus pais fossem a esta Igreja. Não demorou muito. Eles decidiram me levar, claro. Fiquei apavorado. Nunca ouvi tanto o nome do Diabo. No fim da missa, minha mãe e minha avó conversaram com o padre. De longe, elas apontavam para mim. Até que ele veio me conhecer, disse que iria me ensinar a ler e escrever. Fiquei feliz, achando que finalmente descobriria o que havia de errado comigo. No dia seguinte, mamãe me levou até a capela de Santa Luzia, onde fui recebido pelo padre e outras crianças. Assim, mamãe entregou minha mão ao sacerdote. Nos fundos da igreja, havia uma sala de aula improvisada próxima ao casebre do padre. Nessas aulas, só havia meninos da minha idade, que oravam junto com o padre. Eu não sabia rezar, mas, ainda naquela semana, aprendi. Foi assim que comecei a receber presentes do padre. Aos dezesseis, passei a decorar os pecados da Bíblia. O padre Bonifácio estava tão satisfeito que conversou com meus pais sobre a possibilidade de me tornar um coroinha. “Em Barbacena, Simão ficaria sob minha responsabilidade”, prometia. Meus pais hesitaram. “Só queremos que o padre corrija esse jeitinho dele. O lugar do Simão é na roça com o pai”, falava minha mãe. Eu ouvia tudo atrás da porta. Não sabia o que eu queria, mas naquele momento, tinha algo claro. Eu estava melhor na Igreja, o padre me aceitava do jeito que eu era. Minha avó concordava, tentando convencer meus pais: “Melhor que trabalhe para Deus do que ao Diabo”. Alguns dias depois, minha mãe descobriu que estava grávida. Minha avó nunca mais tocou no assunto. Toda a atenção que tinham no meu jeitinho direcionou-se para a nova criança. Com isso, até passei a ir para casa sozinho. Um dos coroinhas, Sebastião, andava na

mesma estrada. Não demorou muito para ficarmos amigos, íamos para casa juntos todas as noites. Sempre que nos encontrávamos, meu coração palpitava fora do normal. Custei a entender o motivo, até que um dia nos beijamos timidamente. Nesse momento, eu descobri o que era amor. Não sabia como lidar. Era uma confusão na minha cabeça. Eu estava pecando, mas não queria pecar. Estou louco em querer confessar ao padre? Algo dentro de mim implorava para sair. Acho que estava apaixonado.

Quando completamos dezessete anos, começamos a amadurecer. Nossos encontros se tornaram intensos. Certa noite, saímos colados da Igreja, o que chamou a atenção do padre. No dia seguinte, trocamos as toalhas do altar da Igreja. À noite, quando terminamos de organizar a sacristia, aproveitamos o silêncio para trocar um beijo. Até que a voz do padre ecoou por toda capela: "Simão! Preciso falar com você, filho". Assustados, sentimos um frio na barriga. Sebastião preferiu ir embora. A palavra do padre era incontestável, corri aos fundos da igreja. Quando vi o padre me levar até seu casebre, fiquei surpreso. "Ele sabe de tudo", pensei. Assim que entrei, ele disse coisas horríveis sobre Sebastião. "É um degenerado, um perdido. Você não deve andar com esse tipo de companhia". Perplexo, tentei defendê-lo: "Eu discordo, padre. É um bom rapaz, ele se preocupa com os valores da Igreja". Enquanto eu falava seriamente, o padre me abraçou pelas costas: "Você que é um bom rapaz. Um bom garoto". Eu estava boquiaberto, não sabia o que fazer. Quando percebeu que fiquei constrangido, o padre pediu perdão com as mãos postas: "Me perdoe, filho! Satanás tenta desviar os servos de Deus". Não

pensei duas vezes, fugi. Fui correndo, sem olhar para trás. Naquela estrada lamacenta, procurei Sebastião, mesmo sabendo que não o encontraria. Tudo que eu pensava era em cair em seus braços e chorar até ficar sem lágrimas. Eu estava tão aterrorizado que me assustei ao entrar em casa. Minha avó estava lá, orando e segurando o rosário à luz de velas. Entrei no quarto, fiquei encarando o teto, até cair no sono. No dia seguinte, preferi não sair da cama. Não conseguia parar de pensar no que aconteceu e no que teria acontecido se ele tivesse trancado aquela porta. Ouvi um estrondo. Aos berros, minha avó chutou a porta do meu quarto. “Simão?!”. Fui estapeado. “Sei de tudo, seu Diabo”, dizia ela. Eu não entendia o que estava acontecendo. Me desesperei, presumindo que o padre teria me envenenado contra todos. Minha mãe estava horrorizada: “Você está louco? Quer sujar o nome da família?”, perguntou. No meio de tanta gritaria, meu pai, José, chegava da roça: “Que diacho tá acontecendo?”. “Simão, fio. Ele num tem cura! O padre tava de butuca e viu ele enrabichado com outro. Tá doente da cabeça”. Meu pai interrompeu minha avó, recusou-se ouvir. “Não quero ouvir. Leve pra Barbacena”, disse meu pai, com todas as letras. Eu, já alterado, gritei: “Eu não fiz nada! Foi o padre! O padre se esfregou em mim”. Meu pai sentiu-se ofendido. Tão ofendido que me imobilizou com o braço. “O padre Bonifácio? Simão endoidou de vez”, explanou minha mãe, que assistiu tudo sem fazer nada. Tentei resistir, mas eu era fraco, um doido, como disseram. A única coisa que lembro é que amarraram minhas mãos com uma corda.

Não sei por quanto tempo dormi. Que frio insuportável. Um vento gelado na nuca. Meu corpo virava de um lado para o outro, me fazendo

esbarrar em outras pessoas. Muitos a murmurar, outros a cantarolar. Do nada, um homem começou a me cutucar. Foi quando percebi que estávamos num trem. Ele apontava para um amontoado de gente que estava no outro lado do vagão. Perguntei a um garoto de cabeça baixa: “Para onde estamos indo?”, ele respondeu: “O inferno”. Olhei para todos os lados e tinham loucos por toda parte. Quando o trem parou, foi um silêncio absoluto. Um homem de branco abriu a porta, e começou a nos puxar para fora. Quase escorregando nas poças, um bando saiu correndo. Fraco das pernas, mal conseguia andar de tanta tremedeira. Mandaram-me para o “Pavilhão Antônio Carlos”. Demorei a aceitar o que estava acontecendo. Na primeira entrevista com o médico, me perguntaram: “Onde estão seus documentos?”. Preferi ficar calado. Irritado, o doutor chamou um enfermeiro, que se referiu a mim como moleque e me deu um soco na boca. “Não sei onde estão. Não sei o que tô fazendo aqui”, respondi. O doutor arregalou os olhos ao reconhecer o sotaque mineiro. Por fim, só perguntou meu nome e idade. "Bem-vindo ao Colônia de Barbacena", ele disse.

Afinal, o que tinha de errado comigo? Levado ao pátio do pavilhão, me juntei a uma fila de homens e crianças à espera de algo que matasse a fome. Alguns vestiam roupa azul, mas a maioria estava nua. Envergonhado, evitei olhar. Um dos funcionários arrastou uma cadeira, e cortou nosso cabelo. Olhei para todas as direções e tive noção da dimensão caótica desse lugar. Nunca tinha visto nada parecido. Quando chegou minha vez, entrei em desespero. Hesitei, mas não tinha saída. Fui o único homem a chorar enquanto os tufos de cabelo caíam pelo chão.

Quando entrei dentro do pavilhão, pensei: “Não vai aguentar essa gente toda”. As camas estavam lotadas, a maior parte dormia no chão. Pessoas desnorteadas, agachadas e encolhidas contra a parede. Com fome, lembrei de casa. Tão desorientado que esqueci que tive uma. Já tinha anoitecido. Acabei preso do lado de fora com os indigentes, que tiravam a roupa e as enchiam de capim. Assim, eles faziam travesseiros. Meu Deus! O cheiro do pátio era insuportável. Não me sentia seguro para dormir, tinha medo do que podia acontecer. Os ruídos eram aterrorizantes, parecia que estavam todos me vigiando. Quando amanheceu, vi garotos da minha idade e homens mais velhos tomando banho no esgoto. Assisti a tudo com vontade de vomitar. “Hora do banho!”, gritava um funcionário, tocando palma. O cadeado do pavilhão era destrancado. A maioria dos loucos ficou onde estava. Até que outro funcionário chegou agressivamente, puxando-os para a fila. Acho que éramos trinta naquele banheiro. Homens, velhos e crianças. Recolheram nossas roupas à força, e nos jogaram para a parede. Um jato de água tão forte que derrubava. “Rápido!”, miravam a mangueira em quem tinha escorregado. Depois, éramos empurrados para fora e nossas roupas arremessadas de volta. Já estava na hora do almoço. O pavilhão Afonso Pena comia arroz, carne e feijão, enquanto nosso pavilhão comia uma canja anêmica com pedaços de milho. Alguns insistiam em tomar a sopa com as mãos, se queimando. Talheres eram privilégios. O gosto não era tão importante. Esperei a sopa esfriar, e a tomei como se fosse a última.

Fiquei falado entre os homens do Colônia como “moleque bicha”, enquanto os loucos ao meu redor, nunca deram um pio. Devido ao

falatório, passei a ser observado por outros pacientes. Um garoto estranho, aparentemente da minha idade, sentou-se do meu lado. Enquanto fumava, exibia seus braços fortes. Tímido, demorei um tempo para tomar coragem de olhá-lo. “Por que você está aqui?", perguntei seriamente. “Não sei. E você, por que tá aqui?”, perguntou. Acanhado, eu respondi: “sou diferente dos outros homens”. Repentinamente, deu um toró. Dias de chuva eram os piores. O cheiro do esgoto ficava impregnado no ar, adentrando os pavilhões. Muitos que cochilavam no pátio eram surpreendidos com a força da água, e nenhum dos homens de branco se aproximaram. Eu pensei em tirar os pacientes de lá, mas fui impedido. “Deixa eles!”, disse o garoto. Para minha surpresa, os loucos levantaram-se das poças e correram para a chuva. Alguns despindo-se, como se estivessem tomando banho. Pensei alto, enquanto observava tudo: “Como posso ajudar alguém? Eu não consigo nem me ajudar”. Assistir aquilo era uma prova de que existia vida naquele lugar, era a prova de que aqueles dois homens de branco não conseguiam controlar tudo. Todos riam no pavilhão. “É igual o amor. É incontrolável”, falei ao menino. Depois de um tempo, ele partiu. Eu o espiava de longe, sumindo no meio daquela multidão. O pavilhão estava tão cheio que dormimos espremidos, um em cima do outro. Sonhei que comia cajus diretos do cajueiro. Mas a manhã começou cinzenta. Percebi a movimentação dentro do pavilhão, um entra e sai sem fim. Um mosqueiro zunia no meu ouvido. Muitas pessoas doentes, tossindo fortemente. Vi ratos desviando dos inúmeros cadáveres espalhados pelo pátio do pavilhão, inclusive de crianças. Foi desesperador. Perguntei a um dos homens de branco: “O que aconteceu?”. Seco, ele respondeu: “Morreram”. Fiquei horrorizado. Os outros pacientes não

reagiam. Foi quando comecei a notar que sequer se mexiam. Sempre continuavam no mesmo lugar, sem falar. “Deve ser da doença”, pensei. Nos primeiros meses, começou a cair a ficha de que eu estava sozinho. Cada vez mais esquelético, pensava em casa e em Sebastião o tempo todo. Dói lidar com o fato de que meus pais me prenderam aqui. Passei a me isolar ainda mais.

Certa noite, um homem grisalho sentou-se ao meu lado e me ofereceu um cigarro. Encafifado, acabei aceitando. Rapidamente, o homem começou a me apalpar, tentando despir-me. “Arreda o pé, Chico”, disse um moleque desconhecido, arrancando o cigarro da minha mão. “Tá doido? Pega cigarro não, só se tiver algo para dar em troca”, falou ele. Fiquei emburrado. Queria o cigarro. O toque também. Estava tão sozinho, que me sentia frígido. “Se aparecer alguém de branco, finge que num me conhece”, repetia ele, receoso. Na companhia do meu novo amigo sem nome, tive uma longa noite. “Meu pai trabalhava na roça, e desde criancinha tentei tomar jeito. Nunca consegui. Minha avó me botou na igreja, pra me curar”. O menino prestava atenção em cada palavra, balançando a cabeça. “Você nasceu aqui?”, perguntei. “Moro aqui desde que me conheço por gente. Num sei de onde sou, não tenho estudo, RG...”, disse ele. Ao passar dos meses, apelidei esse garoto de Caju. Acho que Caju era o único lúcido daquele pavilhão. Demos boas risadas quando ele me contou que roubava pílulas, moedas e maços de cigarro dos homens de branco. Ele trocava por miolos de pão. Era assim que matava a fome. Além de ladrãozinho, Caju disse ter namorado todas as mulheres do pavilhão Afonso Pena, adoecendo de propósito para ser levado à

enfermaria. “Todos fazem isso. É o único jeito de chamar atenção aqui dentro”. Eu e Caju nunca compartilhamos nossos verdadeiros nomes. Aquele baixinho tornava meus dias menos ruins. Nossa aproximação chamou a atenção dos funcionários do Colônia. Logo, começaram a me dar pílulas azuis após o almoço. Nunca tinha visto uma pílula antes, colocava todas no bolso do azulão. Com o tempo, Caju não apareceu mais. Cismei que tinha feito algo que ele não gostou. Quando achei que meu vazio estava sendo preenchido, um novo vazio começou a surgir dentro de mim.

Aflito com o sumiço de Caju, pensei: “Ele já sumiu tantas vezes, deve ser uma dessas”. Passaram-se dias e semanas, e assumi pra mim mesmo que algo estava errado. Passei a perguntar aos homens de branco sobre o paradeiro do garoto de braços fortes. Nunca tive resposta. Um dia acordei com fortes dores no corpo e ao puxar o azulão, vi um inseto em cima de mim. Reagi aos gritos. Um dos homens de branco levou-me à enfermaria. Nos corredores, havia uma concentração de pessoas doentes, berrando e relatando picadas no corpo. As funcionárias foram ao pavilhão Antônio Carlos com vassouras e rodos. Na enfermaria, fui deitado numa cama fria. Vi um crucifixo acima da porta. Uma mulher de branco tirou minha roupa, e cutucou as marcas avermelhadas. “Só louco, amou como eu amei”, cantarolava o radinho de mesa. Em meio a dor, fechei os olhos e me concentrei na canção. “Você está ouvindo a 94.7 FM. Hoje, a diocese de Barbacena anunciou seu 5º bispo: o padre Bonifácio Xavier, de 51 anos”, noticiava a rádio. Meus olhos encheram de lágrimas, enquanto eu relembrava de tudo que passei. Um homem de branco entrou na

enfermaria puxando-me para fora. Enquanto caminhava de volta, me deparei com Caju. Fiquei um pouco melhor, com a expectativa de pular em seus braços. No final, só apertamos as mãos. “Me botaram no Afonso Pena, lá é cheinho que nem formigueiro. Até emprenhei uma muié por lá”, ria Caju. Estava tão desnorteado que nem sabia o que responder. Uma freira se aproximou de nós, tentando apartar nossa conversa. Na mesma hora, lembrei-me do padre Bonifácio, o que me deixou cismado. Esse misto de ódio, saudades e ciúme não acabou bem. Acabei explodindo. “Some daqui!”, gritei descontrolado. Foi um verdadeiro arranca-rabo; vários loucos gritando enquanto eu estava com as mãos no pescoço da velha. Desesperado, Caju tentava me puxar e implorava que eu parasse. Já era tarde demais, Caju. Era incontrolável.

Nu, algemado, em um quarto escuro, molhado e sem janelas. As fezes de alguém estavam espalhadas por toda parede. Como um animal enjaulado, já estava acostumado com o cheiro. Por um momento, pensei ter saído do Colônia. Tentava respirar, mas o espaço parecia me engolir. Gritava para as paredes, implorando para sair. Chorei o tempo todo, principalmente de fome. Uma hora, desisti e dormi. Acordei com o som do cadeado. O homem de branco pediu que me vestisse. Era noite quando andávamos pelos corredores vazios do Colônia. Fomos para além dos pavilhões, até uma sala estranha, que brilhava de tão limpa. Nunca tinha visto nada parecido por aqui. O doutor estava lá com dois homens, que não pareciam nada amigáveis. Deitaram-me numa cama estranha, amarraram minhas mãos e meu corpo. Uma pessoa rouca estava inquieta. Quando virei o rosto, era a freira que eu tinha enforcado. “O que

vai acontecer?”, perguntei várias vezes, até um pano foi enfiado na minha boca. Seguraram minha cabeça para que eu não olhasse para os lados. Foi quando senti meu crânio arrebentar. Pensei que meus ossos iriam explodir. Pensei que ia morrer. Os estouros continuaram acontecendo, até que eu apaguei.

Acordei no mesmo lugar de antes. Tão desorientado, que não conseguia enxergar nada. Ouvi o cadeado abrir novamente e um homem de branco veio me levar ao banho coletivo. No banheiro, fui empurrado para cima dos outros. Debilitado, caí no chão. Os loucos me ajudaram a levantar. Quase escorreguei, tive que me segurar em um dos rapazes. Na saída do banheiro, me deram pílulas rosas e fui levado ao pavilhão Antônio Carlos. Não lembro a última vez que estive lá. Alguém parecia muito feliz em me ver. “Não acredito que você apareceu!", dizia. Não conseguia reconhecê-lo. “Cê foi pra solitária?”, perguntou o moleque de braços fortes. Me esforcei, mas não conseguia lembrar seu rosto. “Cê tá lembrado de mim não?”, perguntou. Sentindo-me ameaçado, continuei andando. O jovem seguia insistindo: “O que fizeram com ocê?”. Quando me sentei no chão, ele sentou-se junto. Abriu minha camisa, observando vários hematomas pelo meu corpo. Estava com sede. Logo, me levantei e fui me arrastando pelo pátio do pavilhão. Havia um cano quebrado que cuspia água para todo lado. Me agachei na poça de água amarronzada, estendi as mãos e bebi. O moleque ficou horrorizado, como se eu estivesse fazendo algo inesperado. “Ele me acha louco, assim como todos os outros”, pensei. Deitado no pátio, o vi sumir pela multidão. Ele desistiu, que alívio! Fechei os olhos e me concentrei em sufocar a dor latejante dos meus

ossos. Com fome, mastiguei as pílulas do meu bolso, e dormi.

Despertei dentro do pavilhão, escutando grunhidos. Cocei tanto a cabeça que sangrou. Havia muitas baratas em cima de mim. Gritei por ajuda. Alguns loucos também gritaram, repetindo meu desespero. Um homem de branco correu até mim. “Não tem nada aqui”, disse. Fui levado novamente àquela sala. A mulher enfiou algo no meu braço e perguntou meu nome, mas eu não lembrava. O moleque que me perseguiu entrou na sala: “O que ele tem?”, perguntou. Fingindo não ouvir, a mulher saiu. O jovem sentou-se do meu lado. "Cê tá diferente, cara de adulto", disse ele, me encarando dos pés à cabeça. "Lembra sua história? Que cê veio da roça? Não aceitavam seu jeito. Seu pai era José, sua avó Eponina. Sua mãe cê nunca disse", insistia o rapaz, enquanto segurava minha mão. “Ao menos podia me dizer seu nome?”, implorou. A mulher retornou à sala, pôs o jovem para fora. Foi a última vez que o vi. “Simão. Esse é o seu nome!”, disse ela. “Tenho boas notícias, Simão! Estão esperando você lá fora”, disse ela. Meus olhos se encheram de lágrimas. “Quem?”, perguntei, com a voz enfraquecida. “Seu pai está lá”, respondeu. Meu pai estava aqui e eu não conseguia lembrar dele. “Rápido, ele está esperando”, dizia ela. Um dos homens me acompanhou até a saída do Colônia. Eu não tinha nada, apenas a roupa do corpo. Meu pai me abraçou bem forte, "Nós tamo arrependido de tudo, fio”, dizia ele, emocionado, me ajudando a subir na carroça. À medida que nos afastávamos do Colônia, vi o hospital sumir no horizonte, engolido pela vastidão das montanhas. Enquanto deixávamos Barbacena, a estrada se estendia à frente, vazia e sem vida. O céu escurecia, anunciando uma tempestade. Observando a tremedeira do

cavalo, perguntei: “Pai, para onde estamos indo?”. Ele permanecia em silêncio. Conforme nos aproximávamos da fazenda, encarávamos raios e trovões. Cada estrondo era um estalo mental, com fragmentos do meu passado. Me vi, pequeno, na lavoura. Ecoavam pelo pasto as palavras de minha avó: “Homem aqui não chora!”. Me vi, de batina, entregue ao padre. E finalmente, lembrei quando fui jogado naquele vagão, admirado com minha Maria, que ao contrário da mãe de Jesus, entregou-me aos loucos.

Apavorado, abri os olhos. Uma mulher segurava meu pescoço e repetia: “Ele ainda está respirando”. A porta bateu. “Era melhor ter ficado só com os choques”, disse uma mulher, que pôs algo em minhas mãos. Algo com cheiro familiar, acho que eram velas. Ela me encarou por um bom tempo até a porta bater novamente. “Já morreu?”, perguntou uma voz rouca. “Não, Irmã. Ele ainda tá respirando, graças a Deus!”, respondeu a mulher de branco. Eu conhecia aquela voz! Era a freira carrancuda! "Esse animal tentou tirar minha vida. Que Deus tenha piedade dessa alma", dizia a freira, agarrada a Bíblia. Tentei reagir, mas mal conseguia abrir os olhos. A freira desapareceu antes que perguntassem se eu era homossexual. As enfermeiras ficaram aliviadas. “Todos falavam desse moleque no Antônio Carlos. A Irmã mandou pegar o pobre menino. Deu choques na cabeça, nas partes... Era um cérebro muito jovem. Nunca foi curado. Falava muito de um tal de Caju”, revelou a enfermeira. Moscas começaram a pousar em mim. Rose acendeu a vela que pôs em minhas mãos. Eu estava morto. “Tão magrinho... nem parece humano”, comentou Teresa. Quando ela e Rose foram embora, entrei em pânico. Fiquei sozinho com meu próprio cadáver. Até que um homem apareceu, ordenando que meu corpo fosse

levado. Pensei que iria embora do Colônia, mas apenas meu corpo foi. Fiquei preso na enfermaria. Vi tantas atrocidades que me convenci de estar no inferno. Não estava mal por estar morto, mas por nunca ter dito o quanto amava Caju. Como pude esquecê-lo? Só queria encontrar e fugir com meu Caju. Eu não tinha ninguém além dele.

Ainda naquela semana, houve um temporal em Barbacena. Muitos casos de tuberculose, pneumonia e hipotermia. Caju foi um desses. Ele tremia de frio e ardia em febre. Perguntava insistentemente às enfermeiras sobre mim. Tentei tocá-lo, mas não consegui. Passei o dia ao lado dele, quase explodindo de felicidade. Na manhã seguinte, ele sumiu e não consegui achá-lo. Quase morri de novo. Não demorou muito para ele voltasse. Caju sempre achava um jeito de parar na enfermaria, perguntando por mim, mesmo sem resposta. Depois de horas observando-o dormir, decidi abraçá-lo com toda minha força. Seus olhos se encheram de lágrimas, ele soprou suavemente: "Eu te sinto, Simão". Meu coração ardeu tanto. Foi nossa despedida. De manhã, Caju foi visto roubando pílulas da enfermaria. Desde então, está proibido de voltar lá. Dias depois, ouvi que minha família me procurou. Uma das enfermeiras vivia a dizer que imaginava seu filho no meu lugar. Eu odiava isso. Podia ter sido qualquer um. Saio deste mundo sem nome, sem história, enterrado em uma vala de indigentes. Abandonado, torturado, louco... por amar.